Opinião

Sua empresa está usando IA para transformar o trabalho ou apenas para fazer mais do mesmo?

Max Satiro (*)

Existe uma contradição cada vez mais evidente na forma como as empresas estão lidando com a inteligência artificial.

Enquanto os profissionais já incorporam a tecnologia à rotina, muitas organizações ainda tratam a IA como mais uma ferramenta para acelerar processos que já existiam. Um levantamento divulgado pela SAP mostra justamente esse descompasso: 72% dos executivos afirmam que empresas que dizem estar transformando o trabalho com IA estão, na prática, apenas automatizando processos existentes. Ao mesmo tempo, 88% consideram que redesenhar funções e formas de trabalhar pode gerar valor significativo para o negócio.

O dado chama atenção porque talvez o maior risco da inteligência artificial para as empresas não seja utilizá-la pouco, mas utilizá-la apenas para fazer mais rápido aquilo que já deveria estar sendo repensado. A tecnologia pode reduzir o tempo necessário para executar uma tarefa, mas isso não significa necessariamente que a empresa tenha mudado a forma como trabalha. Se um profissional passa a produzir um relatório em dez minutos, em vez de uma hora, o ganho é evidente. A pergunta mais importante, porém, é o que a empresa fará com os cinquenta minutos que foram liberados.

O profissional já mudou. A empresa, nem sempre

A transformação também não está esperando as organizações definirem todas as suas regras para acontecer. Uma pesquisa realizada pelo Instituto QualiBest para o iFood com 1.406 profissionais mostra que 63% já utilizam ferramentas de IA pelo menos uma vez ao dia, enquanto 86% acreditam que a tecnologia abre novas formas de trabalhar.

O levantamento também revela uma contradição importante: 28% afirmam que suas empresas incentivam o uso de IA sem fornecer as ferramentas necessárias, e, enquanto 69% dos profissionais se consideram preparados para utilizar a tecnologia, apenas 60% avaliam suas empresas como preparadas.

Isso mostra que a discussão deixou de ser sobre se os funcionários vão utilizar IA. Eles já estão utilizando. A questão agora é se as empresas vão participar ativamente dessa transformação ou simplesmente deixar que ela aconteça de maneira informal, individual e, em alguns casos, sem qualquer orientação.

O chamado "shadow AI", quando profissionais recorrem a ferramentas por conta própria, é um sintoma disso: existe uma demanda real por produtividade e novas formas de trabalhar, mas nem sempre existe uma estratégia corporativa acompanhando esse movimento.

Por isso, a pergunta que um gestor deveria fazer neste momento não é apenas "qual ferramenta de IA minha equipe deve usar?", mas "se a tecnologia pode assumir parte dessas tarefas, por que ainda estamos organizando o trabalho dessa maneira?" Essa mudança de perspectiva é fundamental.

Se um vendedor consegue automatizar parte da prospecção, por exemplo, o ganho não deveria ser simplesmente exigir que ele faça mais contatos. A empresa pode aproveitar o tempo liberado para que esse profissional se dedique mais à negociação, ao relacionamento e à construção de oportunidades. Da mesma forma, se um analista consegue produzir relatórios em poucos minutos, o valor não está necessariamente em produzir cinco vezes mais relatórios, mas em usar o tempo economizado para interpretar os dados, identificar oportunidades e apoiar decisões mais qualificadas.

É nesse ponto que a automação começa a se transformar em estratégia. A empresa deixa de usar IA apenas para acelerar tarefas e passa a questionar processos, responsabilidades, competências e até a estrutura de suas equipes.

Quando a IA começa a redesenhar a empresa

Essa mudança coloca o RH diante de uma oportunidade que vai muito além da implementação de novas ferramentas. Se a inteligência artificial está alterando tarefas, competências e formas de organização, a área de pessoas passa a participar diretamente de uma discussão que durante muito tempo foi tratada como responsabilidade exclusiva da tecnologia.

O desafio será entender quais atividades tendem a perder relevância, quais competências passam a ser mais importantes e como preparar profissionais para trabalhar em conjunto com sistemas de IA. Mas existe uma questão ainda mais estratégica: como transformar o tempo liberado pela tecnologia em valor para o negócio?

Essa resposta não será encontrada em um treinamento de duas horas sobre como escrever bons prompts. Será construída na própria gestão. Uma empresa pode adotar IA para exigir que uma equipe produza o dobro no mesmo período. Outra pode utilizar a mesma tecnologia para permitir que aquela equipe resolva problemas que antes não tinha tempo para enfrentar. As duas terão ganho de produtividade, mas somente a segunda estará realmente redesenhando o trabalho.

É por isso que acredito que a próxima fase da inteligência artificial nas empresas será menos sobre adoção e mais sobre reorganização. As organizações já estão testando ferramentas, automatizando atividades e descobrindo ganhos rápidos. O diferencial estará em quem conseguir dar o passo seguinte: olhar para os processos e perguntar o que deve continuar sendo feito, o que pode ser automatizado e, principalmente, o que as pessoas podem fazer quando deixam de gastar boa parte do seu tempo executando tarefas repetitivas.

A vantagem competitiva não estará necessariamente na empresa que tiver mais ferramentas de IA, mas naquela que souber reorganizar melhor o trabalho a partir delas. Afinal, fazer mais do mesmo, apenas mais rápido, é eficiência. Descobrir uma forma melhor de trabalhar é transformação.

E essa transformação não começa na tecnologia, mas quando a liderança tem disposição para questionar se a maneira como a empresa trabalha hoje ainda faz sentido.

(*) Estrategista de negócios, fundador da Sócio Estratégico, graduado em Marketing e com MBA pela FGV. Foi CMO da V4 Company e atua na estratégia, reestruturação e crescimento de negócios.

Tecnologia salva vidas

Ucrânia usa drone para evacuar soldado ferido

A Ucrânia realizou a primeira evacuação de um soldado ferido utilizando um drone, em uma operação que evidencia como a guerra acelera o desenvolvimento de novas tecnologias.

Vivaldo José Breternitz (*)

IA_CANVA



Segundo o *The Kyiv Independent*, o resgate ocorreu em uma área da linha de frente onde a presença de drones russos e campos minados impedia o envio de equipes de resgate ou veículos terrestres. Imagens divulgadas pelo Exército ucraniano mostram o militar preso a um arnês sob um hexacóptero de grande porte, que o transportou para um local seguro.

A missão foi conduzida utilizando um drone adaptado Heavy Shot AYUDAG 6, fabricado pela ucraniana Gurzuf Defence. O voo durou 1 hora e 14 minutos e percorreu cerca de 62 quilômetros. O equipamento pode transportar até 90 quilos.

O soldado resgatado estava havia quase 500 dias em uma posição avançada sob ameaça constante de fogo inimigo, dependendo de drones para receber munição e suprimentos.

A operação ocorreu poucos dias após outra empresa ucraniana, a SkyFall, apresentar o StarGate, um drone desenvolvido especificamente para evacuação médica, equipado com um compartimento semelhante a uma maca e atualmente em testes.

Especialistas avaliam que a experiência ucraniana pode servir de referência para outras forças armadas. Em um cenário marcado pela vigilância constante de drones e pelo alto risco para equipes de resgate, aeronaves não tripuladas podem se tornar uma alternativa cada vez mais importante para a retirada de feridos do campo de batalha.

O equipamento também poderá vir a ser usado em situações de acidentes e catástrofes naturais e é mais um caso de tecnologias desenvolvidas para uso militar e que hoje estão incorporadas à nossa vida diária, como os antibióticos, GPS, jatos e a própria internet.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor, pesquisador da Faculdade de Medicina de Jundiaí e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

PSIU participa da IV Trevoo Expo Summit com soluções para residências e casas de repouso

@ A PSIU Sem Fio, empresa de automação empresarial e fabricante de sistemas de chamada sem fio, participa, nos dias 30 e 31 de outubro, da quarta edição do Trevoo Expo Summit, no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo (SP). A empresa apresentará no evento soluções desenvolvidas para atender demandas de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), residenciais sênior, hospitais, ambiente doméstico, entre outros, onde atuam moradores ou profissionais responsáveis pelo cuidado do idoso. Entre os produtos que estarão em exposição está a Campainha com Sensor de Movimento e Led, desenvolvida para auxiliar no monitoramento de pacientes. O dispositivo identifica quando uma pessoa está saindo da cama sozinha e envia o número do leito para o painel de atendimento. Por se tratar de uma situação de emergência, o chamado é reenviado ao painel a cada 10 segundos até que a atendente faça o desligamento por meio do segundo botão do sistema (https://www.trevooexposummit.com.br).

Argo Solutions renova certificação internacional PCI DSS para segurança de dados de cartões

@ A Argo Solutions renovou a certificação PCI DSS (Payment Card Industry Data Security Standard) do Argo Expense, sua plataforma de gestão de despesas corporativas. Reconhecido internacionalmente, o padrão estabelece requisitos de segurança para organizações que armazenam, processam ou transmitem dados de cartões. A avaliação da certificação foi conduzida por uma auditoria independente já sob os requisitos que se tornaram obrigatórios em 31 de março de 2025, quando o PCI DSS terminou o período de transição da versão 4.0.1 do padrão. O PCI DSS não admite certificação com ressalvas: a emissão só acontece quando todos os requisitos aplicáveis ao escopo avaliado são atendidos. A renovação comprova que a plataforma segue os critérios do padrão para proteção de dados de cartões, incluindo as exigências de autenticação, monitoramento, gestão de acessos, proteção contra ameaças e análise de riscos. A auditoria avalia o escopo da certificação, os produtos e ambientes contemplados, além da manutenção dos controles ao longo do ano (www.useargo.com).

Olympikus estreia app e Corre Clube com benefícios para seus clientes

@ A Olympikus passa a contar com um novo aplicativo, disponível nas principais lojas de apps, e lança o Corre Clube, seu programa de fidelidade para quem corre junto com a marca. A ideia é reunir em um só lugar uma experiência de compra mais próxima e uma plataforma de relacionamento com benefícios que crescem conforme a participação dos membros. Entre as vantagens, o Clube Corre vai oferecer cupons de desconto, frete grátis em condições específicas e pontos extras no mês do aniversário, por indicação de amigos e em dobro para compras no app. Para mensurar o tamanho dos benefícios, o programa dividirá os participantes em níveis, a serem definidos pelo valor acumulado ao longo de 12 meses. São quatro categorias: Membro, para gastos de até R$ 999,99; Bronze, entre R$ 1.000 e R$ 1.999,99; Prata, entre R$ 2.000 e R$ 4.999,99; e Ouro, a partir de R$ 5.000. Ao alcançar uma nova faixa, o membro passa a ter acesso aos benefícios daquela categoria durante o ciclo previsto pelo programa.

Falconi US firma parceria com Celonis para ajudar indústrias a redesenhar suas operações com IA

@ O escritório da Falconi nos Estados Unidos, sediado em Chicago, anunciou uma parceria com a Celonis, empresa de IA corporativa especializada em reinventar operações de negócio. Os consultores da Falconi US vão atuar lado a lado com as equipes da Celonis em indústrias e empresas de energia nos Estados Unidos, ajudando os clientes a transformar dados de processos em resultados de negócio em áreas como planejamento de demanda, gestão de estoques e execução da cadeia de suprimentos (falconi-us.com).

Processos de decisão e prioridades de investimento dificultam inovação radical, aponta estudo

@ A disposição dos executivos para investir em inovações capazes de transformar mercados nem sempre encontra respaldo nos processos internos das empresas. Segundo o Deep Tech Index 2026, elaborado pela Cambridge Consultants, empresa do Grupo Capgemini especializada em deep tech, 59% das lideranças entrevistadas apontam a inovação radical como a modalidade que mais as entusiasma. O levantamento identifica, porém, uma distância entre essa ambição e as condições organizacionais necessárias para transformar novas tecnologias em resultados de negócio. A pesquisa também aponta a importância de construir capacidades tecnológicas próprias. Cerca de 81% dos entrevistados classificam a produção de propriedade intelectual tecnológica defensável como importante, muito importante ou criticamente importante para seus negócios (https://www.capgemini.com/br-pt/).

Sing e WideLabs vencem o SABRE Awards Latin America 2026 na categoria Technology

@ A Sing Comunicação e a WideLabs foram vencedoras do SABRE Awards Latin America 2026 na categoria Technology, com o case "WideLabs: From Zero to Reference". Promovida pela PRovoke Media em parceria com a Abracom, a premiação reconhece os trabalhos de comunicação e relações públicas que mais se destacam em criatividade, estratégia e resultados na América Latina. A estratégia da Sing partiu de uma leitura do cenário político: em 2025, a dependência do Brasil de infraestrutura estrangeira de IA saía do debate técnico e chegava ao Congresso Nacional e à imprensa geral. A WideLabs passou a ser posicionada como resposta concreta a uma pergunta que o país já fazia (https://www.singcomunica.com.br/).

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017) | **Laurinda Machado Lobato (1941-2021)** | **José Leonil Lobato (1939-2026)**

Responsável: **Lilian Mancuso**

Editorias
Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.